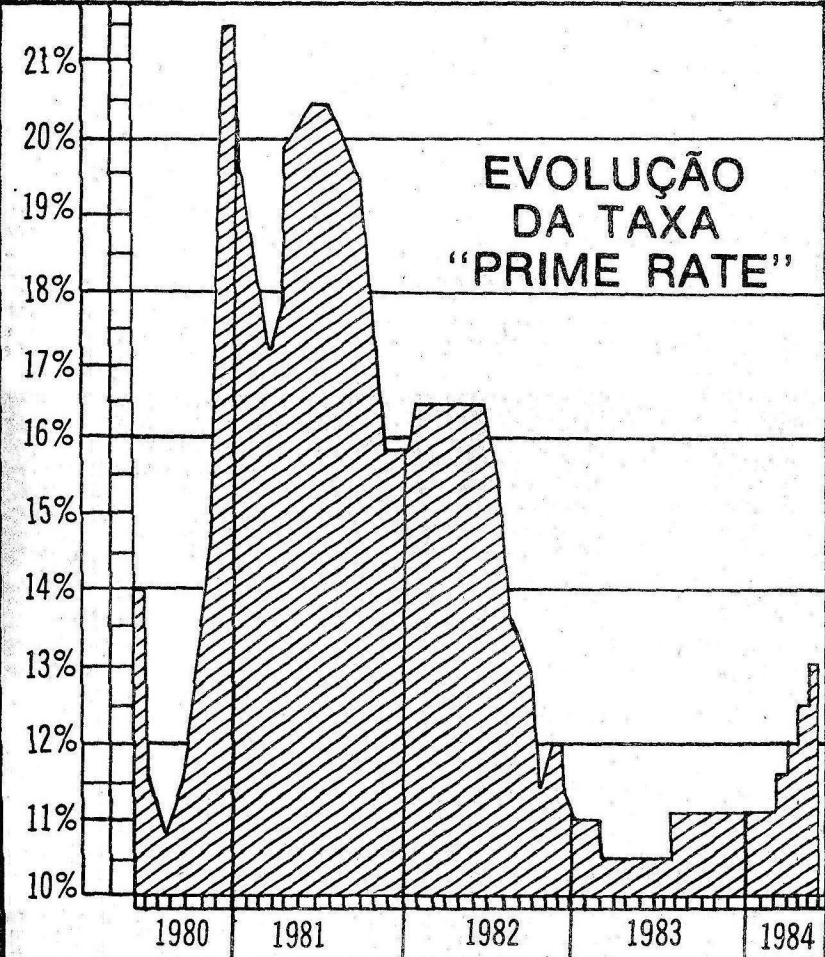
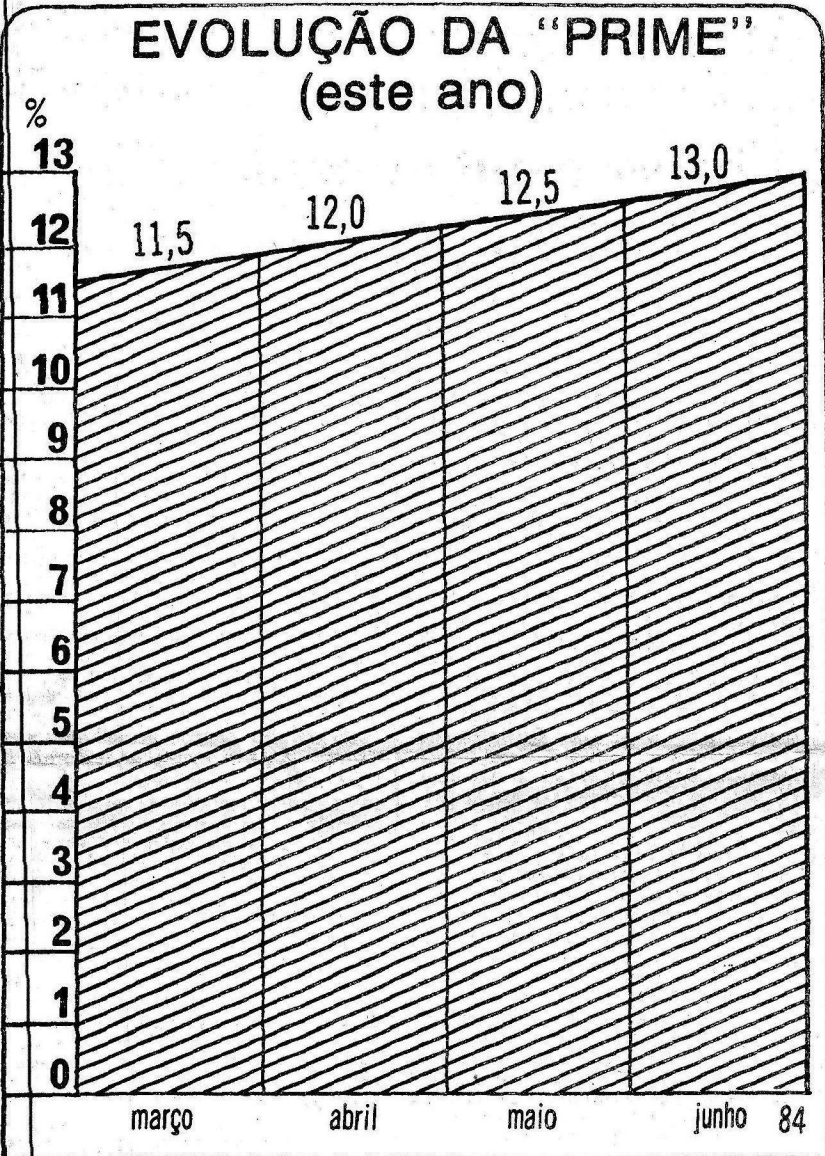


Os bancos elevam a prime para 13%



Fonte: Revista "Conjuntura Econômica", Informativo da BC



A. M. PIMENTA NEVES
Nosso correspondente

WASHINGTON — Grandes bancos americanos elevaram a taxa preferencial de juros (*prime rate*) de 12,5% para 13% no primeiro dia útil após a reunião de Cartagena, em que 11 países latino-americanos, inclusive o Brasil, pediram alívio parcial do ônus que os juros representam para o serviço de sua dívida externa. Esta foi a quarta vez que os juros subiram neste ano e, aparentemente, não será a última.

A taxa preferencial dos Estados Unidos ou a taxa interbancária de Londres são usadas pelos bancos, à sua opção, nos empréstimos às nações do Terceiro Mundo. Um aumento de um ponto de porcentagem representa para os países da América Latina acréscimo de US\$ 3,5 bilhões por ano no serviço de sua dívida, uma vez que a nova taxa entra em vigor depois de seis meses. Para o Brasil, um ponto de porcentagem a mais representa acréscimo de aproximadamente US\$ 800 milhões. Em 1984, a taxa preferencial já subiu dois pontos de porcentagem, e agora se encontra no nível mais alto desde outubro de 1982.

O aumento era esperado porque as taxas dos fundos federais — recursos que os bancos emprestam uns aos outros — aumentaram para 11%. O subsecretário do Tesouro, Beryl Sprinkel, disse ontem à imprensa que a reativação da demanda por crédito do setor privado exerce pressão altista sobre as taxas de juros de curto prazo, o que, por sua vez, influencia a taxa da *prime rate*. Esta, supostamente, é a taxa que os bancos cobram de seus principais clientes.

Os bancos americanos também têm sido obrigados a pagar taxas mais elevadas no mercado de eurodólar, devido às dificuldades que vêm enfrentando com os devedores — duvidosos — locais e internacionais. Mas analistas importantes acham que a principal razão dos aumentos são os déficits fiscais dos Estados Unidos e a necessidade do governo de recorrer ao mercado para

financiar uma dívida pública que está em torno de US\$ 1,5 trilhão.

O aumento da taxa preferencial foi liderado pelo First National Cit Bank of Chicago, o 11º dos Estados Unidos e um importante credor do Brasil. Seu exemplo foi acompanhado pelo Citibank e, posteriormente, por várias outras instituições.

MAIS AUMENTOS

Alguns analistas previram que a *Prime* voltará a elevar-se este ano e Raymond Stone, da grande firma Merrill Lynch, espera um novo aumento de meio ponto de porcentagem nos próximos dois meses. Henry Kaufmann, da Salomon Brothers, calculou há pouco tempo que a taxa preferencial chegaria a 15,5% até o final do ano ou começo do próximo, antes de cair outra vez. As autoridades financeiras americanas, entretanto, embora esperassem novos aumentos, disseram que no fim do ano as taxas começarão a decrescer sob o impacto do desaquecimento da economia dos Estados Unidos e a queda da demanda de dinheiro.

Com o aumento da taxa preferencial, o dólar fortaleceu-se nos mercados internacionais, atingindo seus níveis históricos mais altos em relação à libra britânica e ao dólar canadense, e os mais altos dos últimos sete anos em relação ao franco suíço. As autoridades financeiras britânicas e alemãs (da República Federal) venderam grande volume de dólar para conter a alta da moeda americana, mas não foram bem-sucedidas. O valor do dólar é também influenciado pela baixa taxa de inflação e pelo vigor da recuperação nos Estados Unidos.

O subsecretário do Tesouro, Beryl Sprinkel, disse ontem que as altas taxas de juros não refletem corretamente o compromisso assumido pelo governo de reduzir ainda mais a inflação. "Queremos baixá-la para zero", afirmou.

Altas taxas de juros e baixas taxas de inflação nos Estados Unidos tornam o serviço real da dívida dos países em desenvolvimento extremamente oneroso.